A estigmatização do Qatar: a construção de um Estado-pária no Golfo Árabe

The stigmatization of Qatar: the construction of a pariah state in the Arabic Gulf

Sara Domingos Rodrigues*

Resumo

Este artigo procura entender a atual crise política no Golfo Árabe, que consiste na *estigmatização* do Qatar, a qual é operacionalizada por Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. Seus objetivos são compreender por que e como Doha é estigmatizada e, por fim, identificar a resposta qatari a esse processo. Para isso, emprega-se método qualitativo, cujas fontes são a mídia de países ocidentais e orientais, além de trabalhos científicos sobre a política regional do Golfo. Essas informações são analisadas a partir dos conceitos de *estigma*, *estigmatização* e *resposta do estigmatizado*.

Conclui-se que a crise analisada é resultado das escolhas qataris de quais grupos islâmicos recebem seu apoio, somadas a política externa do Qatar que o posiciona fora da influência saudita. Ademais, identifica-se que o governo qatari tem rejeitado sua *estigmatização* e demonstrando resistência diante da pressão de seus vizinhos.

Palavras-chave: Qatar. Arábia Saudita. Emirados Árabes Unidos. Estigmatização.

Abstract

This article aims to understand the current political crisis in the Arabic Gulf, which consists in the stigmatization of Qatar by Saudi Arabia and the United Arab Emirates. Its objectives are to understand why and how Doha has been stigmatized and, lastly, to identify the Qatari response to such process. In order to do so, the qualitative method is employed. Its sources are the media of Western and Eastern countries as well as studies of the regional politics of the Gulf. The informations gathered are analyzed through the concepts of *stigma*, *stigmatization* and *answer of the stigmatized*.

It concludes that the crisis is a result of the Qatari choices of which Islamic groups receive its support, added to a Qatari foreign policy that places the country outside the Saudi influence. Furthermore, it identifies that the government of Qatar has rejected its stigmatization and shown resistency in front of the pression of its neighbors.

Keywords: Qatar. Saudi Arabia. United Arab Emirates. Stigmatization.

*Graduanda de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, orientada pela professora Dr^a. Vânia Carvalho Pinto. Contato: sara.rodriguesd@gmail.com.

Introdução

Em 5 de junho de 2017, Emirados Árabes Unidos (EAU), Arábia Saudita, Bahrein e Egito declararam o rompimento de relações diplomáticas e um bloqueio ao Qatar, iniciando uma crise política que ainda perduravadurante finalização deste artigo (AL JAZEERA, 2017b). Em meio a esse contexto, esta pesquisa procura entender o que identifica como o processo de *estigmatização* do Qatar. Mais precisamente, visa compreender suas motivações; analisar sua operacionalização; e identificar a resposta qatari a esse processo.

Para atingir esses objetivos, emprega-se método qualitativo. Suas fontes primárias são jornais e revistas de países ocidentais e orientais publicados em inglês, e assecundárias são artigos e livros científicos que tratam dos Estados e da política regional do Golfo Árabe. A análise dessas informações é orientada pelos conceitos apresentados no marco teórico.

Marco teórico

Esta seção introduz os conceitos que guiam esta pesquisa permitindo realizar seus objetivos. Dessa maneira, são apresentados os conceitos de *estigma*, *estigmatização* e *resposta* do estigmatizado a partir da abordagem proposta por Rebecca Adler-Nissen (2014).

O termo *estigma*, de origem grega, inicialmente, referia-se a sinais corporais que uma pessoa carregava (como cortes ou queimaduras) que indicavam algo extraordinário ou mau acerca de seu status moral (GOFFMAN, 1982, p. 11). Com o tempo, essa noção alterou-se e a expressão passou a referir-se a problemas morais de um indivíduo (GOFFMAN, 1982, p. 11). A partir dessa definição mais recente, para que uma pessoa seja identificada como portadora de um *estigma*, certas condições estruturais (descritas a seguir) devem ser atendidas.

Ao nos relacionarmos com outra pessoa, antecipamos sua identidade a partir de características observáveis em um primeiro momento. Ou seja, supomos a categoria social e os atributos dos sujeitos com quem interagimos com base naquilo que vemos. Tais antecipações geram expectativas sociais que são internalizadas e naturalizadas ao longo do tempo de tal maneira que se convertem em demandas sociais. Uma demanda social é o que se acredita que um sujeito deva ser. Em resumo, ao conhecermos um indivíduo, for-

mulamos nossas primeiras impressões sobre ele e, assim, criamos uma imagem sobre o que ele deve ser (GOFFMAN, 1982, p. 11-12).

O conjunto das demandas sociais compõe a *identidade social virtual* de uma pessoa (o que ela deveria ser), a qual pode ou não convergir com sua *identidade social real* (o que ela é) (GOFFMAN, 1982, p. 12). Quando a primeira identidade diverge da segunda, porque o indivíduo possui um atributo indesejável que o diferencia dos membros de sua categoria social, tem-se um *estigma* (GOFFMAN, 1982, p. 13). Assim, *estigma* é uma característica - corporal, moral ou tribal² - incongruente com a imagem partilhada pela sociedade do que um indivíduo deve ser e que, além disso, é depreciativa. É um atributo que não corresponde às expectativas sociais e que diferencia seu portador de maneira negativa (ADLER-NISSEN, 2014, p. 145; GOFFMAN, 1982, p. 13-14; ZARAKOL, 2014, p. 313 - 314; ZARAKOL, 2011, p. 63). Note-se que as características que podem configurar um *estigma* não são nem fixas nem as mesmas para pessoas distintas. O que torna um atributo 'estigmatizável' é a sua contradição com um estereótipo específico acerca de um indivíduo, acompanhada da percepção da indesejabilidade desse traço (GOFFMAN, 1982, p. 13; ZARAKOL, 2014, p. 314).

Quando uma pessoa porta um *estigma*, ela é inferiorizada e sua humanidade é reduzida (ADLER-NISSEN, 2014, p. 145; GOFFMAN, 1982, p. 15), o que possibilita todo tipo de tratamento desrespeitoso (LINK, PHELAN, 2001, p. 370). Além disso, mais imperfeições são atribuídas ao estigmatizado com base no seu traço desviante original. É o caso, por exemplo, de uma pessoa cega que, ao ser auxiliada involuntariamente, é tratada como se fosse surda ou incapaz de se locomover sozinha (GOFFMAN, 1982, p. 15). Tal dinâmica é operacionalizada pelos indivíduos 'normais', ou seja, os que atendem às expectativas sociais (ADLER-NISSEN, 2014, p. 152; GOFFMAN, 1982, p. 14). E como consequência, a aceitação social do sujeito estigmatizado é afetada (GOFFMAN, 1982, p. 15).

Entretanto, nem sempre quem carrega um *estigma* sente-se inferior. Para isso, é necessário que 'normais' e estigmatizado compartilhem das mesmas crenças sobre identidade (GOFFMAN, 1982, p. 16; ZARAKOL, 2014, p. 314). É preciso que o último tenha

2. Por tribal entende-se certos atributos que uma pessoa possui em virtude do grupo a que pertence. É o caso de raça, religião, etnia, nacionalidade, entre outros (GOFFMAN, 1988, p. 14).

incorporado a visão ‘normal’ sobre identidade e sobre *estigma*, a fim de que ele se veja pelos olhos dos ‘normais’ (ZARAKOL, 2014, p. 314; ZARAKOL, 2011, p. 60). Com isso, o estigmatizado percebe um de seus atributos como ‘indesejável’ e passa a imaginar-se vivendo sem o mesmo (GOFFMAN, 1982, p. 17). Outro componente importante para um *estigma* ter efeito é a ressonância moral: a aceitação da autoridade moral do estigmatizador para dizer o que é bom e o que é ruim (ADLER-NISSEN, 2014, p. 163).

Assim, as pré-condições estruturais para que o *estigma* possa existir consistem em: 1) existência de categorias sociais e estereótipos associados a elas; 2) ator com atributo depreciativo e incongruente com seu estereótipo; 3) compartilhamento de crenças sobre identidade entre ‘normais’ e estigmatizado; e 4) ressonância moral do estigmatizador.

Uma vez que essas condições estão presentes, ocorre a *estigmatização*: inferiorização de um sujeito devido a seu *estigma*. Esse processo, por sua vez, possui como componentes a *rotulação*, a *estereotipação*, a *separação*, a *perda de status e a discriminação* de uma pessoa; elementos que ocorrem sequencial ou simultaneamente dentro de uma situação de poder (ADLER-NISSEN, 2014, p. 146; LINK; PHELAN, 2001, p. 367). Assim, *estigma* é um atributo depreciativo e *estigmatização* é o processo de inferiorização.

O primeiro componente desse processo é a *rotulação*. Esta consiste na seleção de características consideradas socialmente relevantes - como cor da pele, nível de QI, gênero etc. - e a posterior alocação das pessoas em categorias sociais com base na presença ou ausência desses atributos (LINK; PHELAN, 2001, p. 367) - negro, branco; inteligente, não-inteligente; homem, mulher, etc. Assim, *rotulação* é atribuir um rótulo a um sujeito a partir dos aspectos socialmente salientes que ele apresenta. Ressalte-se que os traços considerados significativos pela sociedade variam muito entre lugares e tempos diferentes, além de que as categorias sociais construídas são altamente simplistas (LINK; PHELAN, 2001, p. 367-368).

Uma segunda fase é a *estereotipação*, a qual ocorre quando se associam um conjunto de características indesejáveis (o estereótipo) a um rótulo específico. Exemplo disso é o caso de doentes mentais (rótulo) aos quais é atribuído o estereótipo de perigosos (LINK; PHELAN, 2001, p. 369). A essa etapa segue-se a *separação*, que é a diferenciação entre ‘nós normais’ e ‘eles estigmatizados’, seguida da desumanização dos últimos. A *separação* fica subenten-

didada na *rotulação* e é justificada pela *estereotipação* (LINK; PHELAN, 2001, p. 370).

Posteriormente, há a *perda de status* e a *discriminação*, elementos estes que se reforçam mutuamente e que são intercambiáveis (LINK; PHELAN, 2001, p. 374). A *perda de status* é a alocação de sujeitos estigmatizados em posições inferiores dentro de hierarquias sociais (LINK; PHELAN, 2001, p. 371). Já a *discriminação* consiste no tratamento desigual direcionado a estigmatizados, de maneira a colocá-los em situações de desvantagem em relação aos ‘normais’ (FROST, 2011, p. 825; LINK; PHELAN, 2001, p. 373).

Essas quatro etapas da *estigmatização* desenvolvem-se em contextos de relações desiguais de poder. Afinal, os estigmatizadores precisam ter poder cultural, econômico e político suficiente para imporem sua visão de mundo e, assim, produzirem consequências discriminatórias sérias para os estigmatizados (LINK; PHELAN, 2001, p. 376).

Os conceitos acima apresentados são levados para as Relações Internacionais por autores como Rebecca Adler-Nissen (2014) e Ayse Zarakol (2011), de maneira que os atores - classificados como ‘normais’ ou estigmatizados - são os Estados, e *estigma* consiste não em um atributo negativo, mas sim na transgressão de uma norma internacional. Assim, *estigmatização* no plano internacional ocorre quando um grupo de países - a audiência de ‘normais’ - estigmatiza nações que não se conformam às normas (como direitos humanos, livre-mercado e democracia), transformando-as em Estados-párias, excluídos da sociedade internacional (ADLER-NISSEN, 2014, p. 152; ZARAKOL, 2011, p. 63). *Estigmatização* no sistema internacional é punir, com vergonha e exclusão, aqueles que não obedecem às regras (ADLER-NISSEN, 2014, p. 149). Note-se que essa dinâmica só ocorre se estigmatizadores e estigmatizado forem parte de uma mesma comunidade de Estados, compartilhando normas e valores, bem como interagindo entre si (SCHIMMELFENNIG, 2002, p. 426-427).

Como consequência desse fenômeno, cria-se um filtro ideal que impede qualquer avaliação da realidade que seja objetiva e desprovida de valor, afetando a capacidade do Estado pária de ser respeitado (ZARAKOL, 2011, p. 57, 63 - 64, 104). Outras consequências são uma definição mais clara dos limites de comportamento e identidade aceitáveis internacionalmente, bem como uma delimitação mais precisa das consequências para aqueles que não seguirem tais parâmetros (ADLER-NISSEN, 2014, p. 149).

O último aspecto da *estigmatização* é a reação do Estado-pária. Nações desviantes não são apenas objetos de *estigmatização*; são também agentes capazes de lidar estrategicamente com a vergonha que lhes foi atribuída (ADLER-NISSEN, 2014, p. 154). Com isso, há três tipos de *resposta* do estigmatizado. A primeira é o *reconhecimento do estigma*: comportamento observado quando o transgressor internaliza o julgamento dos ‘normais’ - logo, se vê como ‘impuro’ - e, diante disso, procura tornar-se como os estigmatizadores (ADLER-NISSEN, 2014, p. 153; ZARAKOL, 2011, p. 104). É o caso da Alemanha, que, no pós-II Guerra, procurou afastar-se de seu passado nazista (ADLER-NISSEN, 2014, p. 153).

Todavia, pode acontecer de um país internalizar as normas internacionais, mas rejeitá-las publicamente (ZARAKOL, 2011, p. 104; 2014, p. 313 - 317). Nesse caso, o país aceita sua classificação como pária, mas não procura corrigir seu *estigma*; ao contrário, usa-o como símbolo de orgulho. Esse tipo de reação é a *contra-estigmatização*. Tal processo ocorreu com Cuba, que aceitou a *estigmatização* de seu governo socialista sem que isso implicasse mudança de regime (ADLER-NISSEN, 2014, p. 153). A terceira *resposta* possível é a *rejeição do estigma*. Esta ocorre quando o estigmatizado compartilha das noções de identidade dos estigmatizadores, mas rejeita sua classificação como pária, negando ser diferente dos ‘normais’ (ADLER-NISSEN, 2014, p. 153). Exemplo desse comportamento é o caso da Áustria, no pós-Segunda Guerra, que não aceitou ser caracterizada como um país que tinha ligações com o nazismo (ADLER-NISSEN, 2014, p. 153).

O que define qual resposta o estigmatizado selecionará são a) sua disponibilidade de recursos materiais e sociais, e b) o grau de compartilhamento com o estigmatizador das normas que suportam o *estigma* (ADLER-NISSEN, 2014, p. 154). A partir da análise desses fatores, será possível identificar a *resposta* do Qatar a sua *estigmatização*. Porém, antes disso, é relevante procurar entender porque e como esse país é estigmatizado.

Porque o Qatar está sendo estigmatizado

A fim de compreender a atual dinâmica no Golfo Árabe é preciso identificar os *estigmas* do Qatar. Ou seja, apontar quais elementos da sua política não somente diferenciam essa nação, como também são considerados indesejáveis e; assim, constituem

os motivos de sua *estigmatização*. Para isso, deve-se localizar a sociedade de países da qual Doha faz parte, pois, para esse processo funcionar, o Estado pária deve pertencer a uma comunidade de países com os quais compartilha normas e valores e com quem interage intensa e permanentemente (SCHIMMELFENNIG, 2002, p. 426-427). A partir desses elementos, que produzem uma visão de identidade comum, o estigmatizado incorpora a visão dos ‘normais’ sobre si mesmo.

Ao observar as relações externas do Qatar e ao notar que os países que iniciaram a estigmatização qatari são Egito, EAU, Arábia Saudita e Bahrein, pode-se afirmar que Doha é estigmatizada dentro da comunidade de Estados do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG). Essa afirmação é fruto da constatação de que três dos quatro países estigmatizadores fazem parte do CCG, e de que, desses três, Riyadh e Abu Dhabi, figuram como os líderes do processo de estigmatização do Qatar (o que será demonstrado mais à frente). Além disso, as relações entre os membros do Conselho são intensas e permanentes o suficiente a ponto de fazerem com que exista uma identidade específica desse bloco (LEGRENZI, 2011, p. 8), condição esta necessária para que o processo de inferiorizar e excluir um ator seja efetivo. Assim, a comunidade na qual o Qatar é estigmatizado é o Conselho de Cooperação do Golfo.

Bloco de países fundado em 1981, o CCG é composto por Omã, EAU, Arábia Saudita, Qatar, Bahrein e Kuwait, que configuram - ainda que de maneira pouco integrada - uma realidade sub-regional à parte do resto do mundo árabe (LEGRENZI, 2011, p. 1-9). Esses países possuem estruturas políticas semelhantes por serem todos monarquias sunitas governadas por elites também sunitas, sendo o Bahrein a única exceção com uma maioria populacional xiita (COLOMBO, 2012, p. 10; MARTINI et al, 2016, p. 12). Logo, o CCG é um ‘clube de monarquias’ cuja principal preocupação é proteger tal forma de governo (COLOMBO, 2012, p. 10; LEGRENZI, 2011, p.7-8; KHOURI, 2017). Reforça essa identidade comum, a semelhança nas estratégias de governança de seus membros, que baseiam-se em redes de clientela e poder construídas sobre lealdades familiares e tribais; além de economias pautadas no petróleo, as quais possibilitam ao Estado oferecer benefícios sociais (MARTINI et al, 2016, p. 12-14).

Acerca da interação entre os países-membros - ainda que baixa do ponto de vista econômico (MARTINI, 2016, p. 20-28) - ela é sig-

nificativa nas dimensões política e securitária. Afinal as nações do Conselho demonstram capacidade de agir conjuntamente em momentos de crise quando a manutenção dos regimes monárquicos está em risco (MARTINI, 2016, p. 6-8, 12-13). Exemplo disso é a atuação do bloco durante a Primavera Árabe, com as ajudas financeiras direcionadas a Omã e Bahrein a fim de conter as revoltas nacionais, além da coalizão enviada para o último país para proteger seu governo (COLOMBO, 2012, p.7).

Dentro do Conselho, o Qatar passou a ser estigmatizado por Arábia Saudita e EAU³, por apresentar comportamentos incongruentes com aquilo que se espera de um país do bloco. Tais comportamentos desviantes de Doha - ou seja, seus *estigmas* - podem ser resumidos em três pontos: 1) a divergência de suas políticas em relação às de Riyadh, 2) sua relação com o Irã, e 3) o relacionamento do país com certos movimentos islâmicos.

Acerca da relação entre Qatar e Arábia Saudita, esta é marcada pela competição, a qual ganha força a partir dos anos 1990, quando Hamad bin Khalifa al-Thani (atual emir) ascende ao poder (COLL, 2017). Al-Thani tira Doha de sua postura de dependência e subordinação à Riyadh, graças ao enriquecimento do emirado, impulsionado pela produção de gás natural (COLL, 2017; ROBERTS, 2017a; STEINBERG, 2012, p. 2). Assim, o Qatar emerge como um poder assertivo com uma política externa independente e proativa que visa aumentar sua influência regional e seu reconhecimento internacional, e que muitas vezes busca subverter a influência saudita (COLL, 2017; DOBBIN, 2011, p. 37; STEINBERG, 2012, p. 1-3; WOERTZ, 2012, p. 5). Alguns efeitos dessa nova política externa foram a criação do canal *Al Jazeera*, em 1996, que diversas vezes criticou as elites dos demais membros do CCG; a diversificação das relações externas qataris, que se abriram para Irã e Israel⁴, apesar das objeções sauditas; além do recebimento de tropas americanas na base aérea de Al Udeid (ROBERTS, 2017a; COLL, 2017; STEINBERG, 2012, p. 1-3).

3. O Bahrein também participa da *estigmatização* do Qatar, todavia, como sua política externa é dependente à da Arábia Saudita (LYNCH, 2017, p. 14), esse país não é considerado ator relevante para esta pesquisa.

4. A relação do Qatar com Israel ocorre em contexto no qual Tel-Aviv não possui relações diplomáticas oficiais com nenhum país do CCG, a exceção de uma embaixada virtual inaugurada em 2013 (GULF NEWS, 2013) e de uma missão diplomática de Israel na Agência Internacional de Energia Renovável, cuja sede está nos EAU (HADID, 2015).

Essas políticas de Doha entram em choque com uma Arábia Saudita que tem pretensões de liderança no Golfo, as quais são baseadas em sua superioridade territorial, populacional, econômica e militar. Ao que se soma o *soft power* saudita derivado de seu papel como guardião dos dois locais mais sagrados para o Islã: Meca e Medina (MARTINI et al, 2016, p. 10). De posse disso, Riyadh procura direcionar a ação dos países do CCG, os quais devem seguir sua liderança (KHOURI, 2017). Algo a que Doha não vem aquiescendo.

O segundo *estigma* qatari concerne sua relação com o Irã, que é percebido dentro do CCG como uma ameaça. O nascimento do Conselho foi, em parte, uma resposta ao novo cenário político criado no Golfo Pérsico devido a instauração de um regime revolucionário xiita no Irã⁵ e o subsequente receio de que a Revolução Iraniana fosse importada para o resto da região (COLOMBO, 2012, p. 11; MARTINI et al, 2016, p. 6-7). O regime persa preocupa por representar uma alternativa socialmente conservadora às monarquias sunitas, sendo percebido como capaz de inspirar revoltas populares contra governos autoritários (DOBBIN, 2011, p. 31,40). Como fator agravante, o Irã também compete pela hegemonia regional no Golfo (COHEN apud SCHOLVIN, 2016, p. 22; DOBBIN, 2011, p. 41).

A despeito dessa visão negativa compartilhada sobre o Irã, falta unidade no bloco em sua postura frente a esse Estado. Os posicionamentos encontrados variam de visões alarmistas (Arábia Saudita e Bahrein) e de receio (EAU) até um comportamento acomodador (Omã e Qatar) (COLL, 2017; DOBBIN, 2011, p. 31, 41). No caso dos Estados omani e qatari eles exploraram a ameaça iraniana para irritar Riyadh e contrapor suas aspirações de líder regional (DOBBIN, 2011, p. 31). Tal postura da parte de Doha é tanto um meio de obter uma política externa independente (DOBBIN, 2011, p. 37, 38) como uma necessidade, já que Irã e Qatar dividem um campo de gás natural (STEINBERG, 2012, p. 2).

O terceiro *estigma* concerne o posicionamento do Qatar frente a certos movimentos islâmicos a partir da Primavera Árabe. Com as revoltas populares, sua política externa é orientada no sentido de apoiar de maneira mais assertiva movimentos islâmicos que se opunham a governos autoritários (STEINBERG, 2012, p. 1). Esse comportamento é um desvio em relação ao restante do CCG, cujos

5. Com a Revolução Iraniana de 1979, o Irã deixa de ser uma monarquia e se torna uma república (BBC, 2018).

membros observaram as mudanças iniciadas em 2011 com receio⁶ (DICKINSON, 2014). Contrariamente as demais nações do CCG, Doha promoveu ativamente os processos de mudança de regime no mundo árabe por meio de financiamento e cobertura midiática favorável a certos grupos islâmicos, dentre os quais a Irmandade Muçulmana (Egito), o Hamas (Palestina), o Ennahda (Tunísia), milícias na Líbia e na Síria além do Jabhatal-Nusra (Síria) (ROBERTS, 2017a; STEPHENS, 2017, p. 13).

Esse apoio foi motivado por questões estratégicas mais do que ideológicas. As redes de grupos islâmicos - percebidas pelo Qatar como uma força crescente no Oriente Médio - são um meio do regime ampliar sua influência regional (DICKINSON, 2014; ROBERTS, 2017b, p. 56; STEIBERG, 2017, p. 67). Entretanto, tal postura colocou Doha em desacordo com Arábia Saudita e EAU (MARTINI et al, 2016, p. 17) que temem que esses grupos ameacem sua segurança e a de seus aliados (ROBERTS, 2017a). A Irmandade, particularmente, é o ator que mais preocupa, pois seus membros possuem credibilidade popular e capacidade de organização, além de ideais progressistas e de participação política, representando uma alternativa organizada às monarquias (COLL, 2017; STEINBERG, 2017, p. 66).

Os afeitos dessas divergências foram observados nos posicionamentos dos membros do Conselho durante a Primavera. No Egito, enquanto o Qatar apoiou o governo de Morsi (membro da Irmandade) com \$5bilhões, Arábia Saudita e EAU colaboraram financeiramente para o golpe militar que o depôs (DICKINSON, 2014; MARTINI et al, 2016, p. 17). Já na Líbia, Doha e Abu Dhabi associaram-se a facções rivais do governo (MARTINI et al, 2016, p. 17). Ademais, o Qatar forneceu armas, dinheiro e treinamento para rebeldes, e foi o único país árabe a apoiar a campanha da OTAN contra Gaddhafi (WOERTZ, 2012, p. 5).

Como o Qatar está sendo estigmatizado.

Diante dos *estigmas* acima identificados, Arábia Saudita e EAU construíram um discurso estigmatizador centrado na ideia de que o

6. O apoio a grupos islâmicos não é algo exclusivo do Qatar. O Islã político existe no Golfo desde o período do Império Turco-Otomano. Assim, os demais Estados do Golfo também possuem ligações com grupos islâmicos. Porém, desde a Primavera Árabe, a Arábia Saudita e os EAU têm visto o Islã político com mais receio pelo fato de que certos grupos, antes apoiadores de governos autoritários, passaram a posicionarem-se a favor de maior abertura política (CHATAM HOUSE, 2014 p. 3-9).

Qatar estaria desrespeitando normas internacionais. Mais precisamente, essas nações acusam Doha de apoiar o terrorismo. A fim de entender a operacionalização desse processo, seus quatro elementos (*rotulação, estereotipação, separação, perda de status e discriminação*) são identificados abaixo.

A *rotulação* do Qatar foi possível em 23 de maio de 2017 quando a agência de notícias estatal, a *Qatar News Agency* (QNA), reportou o discurso do emir, Tamimbin Hamad al-Thani, em uma cerimônia de graduação militar. Em sua fala, o governante teria mencionado tensões entre Doha e Washington, questionando a duração do governo de Trump; afirmado que o Hamas é o representante legítimo do povo palestino; reafirmado o apoio à Irmandade Muçulmana; destacado as boas relações com Israel e criticado inimizades com o Irã (ROBERTS, 2017a; MACLEAN, 2017; THE TELEGRAPH, 2017). Tal fala permitiu rotular o Qatar como uma nação que 1) apóia um rival do CCG (Irã) e 2) certos grupos islâmicos (Hamas e Irmandade), e 3) que não tem boas relações com os EUA.

No dia seguinte, Doha negou essas afirmações, argumentando que al-Thani não se pronunciara na cerimônia e que a QNA fora hackeada (KHATRI, 2017; MACLEAN, 2017; ROBERTS, 2017a; THE TELEGRAPH, 2017; GOVERNMENT COMMUNICATIONS OFFICE, 2017). Apesar disso, jornais sauditas e emiratis produziram uma série de artigos negativos sobre o emir e sobre o Qatar com base, tanto no seu discurso, quanto em algum aspecto pessoal do governante ou de sua política (WHITAKER, 2017). O *Al-Arabiya* publicou pelo menos dez artigos, e o *Saudi Gazette* postou três. Já o *Gulf News* publicou sete artigos. Mais jornais desses países também trataram da questão em menor número (WHITAKER, 2017). Duas semanas depois, uma investigação do FBI apontou que hackers russos fabricaram as notícias (WINTOUR, 2017) após contratação pelos EAU (FILKINS, 2018).

A *rotulação* de Doha, porém, manteve-se e deu início à sua *estereotipação*. Tal processo foi particularmente marcado em relação ao rótulo de apoiador de certos grupos islâmicos. A partir dessa categorização, o país vem sendo associado ao estereótipo de Estado que apoia o terrorismo. Percebe-se isso em falas como a do governo saudita, segundo o qual o Qatar “adota vários grupos terroristas e sectários que visam desestabilizar a região”, (FILKIN, 2017). Ou a do ministro saudita das relações exteriores que afirmou que:

Nós [Egito, Bahrein, Arábia Saudita e EAU] só queremos o melhor para eles [Qatar], eles não devem interferir nos países ou encontrar plataformas para pessoas que justificam ataques suicidas. Eles não devem receber indivíduos envolvidos no financiamento de terroristas - e eles continuam a coletar dinheiro e enviá-lo a terroristas e não deveria haver elementos terroristas operando no Qatar, incluindo a Irmandade Muçulmana (AL ARABIYA ENGLISH, 2017, tradução nossa)⁷.

Em outra fala, durante sessão da Assembléia Geral da ONU em 23 de setembro de 2017 o mesmo ministro afirmou que o apoio de Doha ao terrorismo:

...contribuiu para espalhar o caos e a sedição, além de prejudicar a segurança e estabilidade da região [...]. Por conta disso, o reino saudita teria chegado a sua posição com seus irmãos nos EAU, Bahrein e Egito contra as políticas qataris... (MINISTRY OF COMMUNICATIONS AND INFORMATION TECHNOLOGY, 2017, tradução nossa)⁸.

O ministro das relações exteriores dos EAU, por sua vez, acusou o Qatar de financiar “islamistas violentos” e chegou a dizer que “nós [países estigmatizadores] não confiamos neles [qataris]” (WINTOUR, 2017b). Já o ministro emirati das relações exteriores e cooperação internacional disse, ao tratar do Qatar: “Já chega do apoio ao terrorismo e já chega de suporte àqueles que são contra a paz” (AL DROUBI et al, 2017). E o representante dos EAU na ONU disse que Doha deveria escolher entre ser um Estado que busca construir boas relações com seus vizinhos ou que continua violando o direito internacional no aspecto de combate e prevenção do terrorismo (GULF NEWS, 2018).

Esses discursos, além de revelarem a *estereotipação* de Doha, evidenciam sua *separação*. Nota-se uma divisão entre ‘nós’ e ‘eles’. De um lado, há os países estigmatizadores, que combateriam o terrorismo, e de outro, há o Qatar, que financiaria grupos islâmicos terroristas. Tais fases desembocaram nos elementos de *perda de*

7. “We only want the best for them, they must not interfere in the internal of countries or find platforms for people who justify suicide bombings. [They must not] host individuals involved in financing terrorists – and they continue to collect money and send it terrorists and [there shouldn’t be] terrorist elements operating in Qatar, including the Muslim Brotherhood.” (AL ARABIYA ENGLISH, 2017).

8. “...contributed to spreading chaos and sedition and undermining security and stability in the region [...]. On this basis, came its position with her brothers in the United Arab Emirates, the Kingdom of Bahrain and the Arab Republic of Egypt against the Qatari policies...” (MINISTRY OF COMMUNICATIONS AND INFORMATION TECHNOLOGY, 2017).

status e discriminação. No caso desta, seu principal aspecto consiste no bloqueio marítimo, aéreo e terrestre executado contra o Estado qatari por parte de Arábia Saudita, Bahrein, EAU e Egito (ALGHUSSEIN, STACEY, 2017; AL JAZEERA, 2017b; COLL, 2017; ESFANDIARY, TABATABAI, 2017; FILKINS, 2018). Ademais, a expulsão de cidadãos qataris residentes nesses quatro países árabes (AL JAZEERA, 2017a) reforçou essa dimensão discriminatória.

Simultaneamente, o Qatar vem passando pela *perda de status* que foi operacionalizada por meio de dois instrumentos. O primeiro foi o rompimento de relações diplomáticas da parte de Riyadh, Abu Dhabi, Cairo e Manama. Ação esta repetida por outros cinco governos⁹, enquanto mais quatro rebaixaram suas relações com o emirado¹⁰ (AL JAZEERA, 2017b). Junto a isso, uma lista de treze condições para o fim do bloqueio foi imposta ao Qatar¹¹ (ALGHUSSEIN, STACEY, 2017; FILKINS, 2017; COLL, 2017). Esta fase, entretanto, vem ocorrendo de maneira limitada, pois, nenhum dos países que rompeu relações com o Qatar é uma potência mundial; e nenhuma das demandas foi atendida.

Outro aspecto da *estigmatização* refere-se ao contexto de poder em que estigmatizadores e estigmatizados e encontram. Há pouca diferença de poder entre as nações envolvidas, o que influencia o sucesso da empreitada saudita e emirati. Por um lado, os Emirados e, principalmente, a Arábia Saudita possuem poder militar¹² e PIBs¹³ consideravelmente superiores aos correspondentes qataris. Ainda assim, o PIB per capita do Qatar é significativamente maior que os de seus vizinhos¹⁴. Ademais, Doha controla os maiores campos de gás natural do mundo e possui um fundo soberano estimado em trezentos bilhões de dólares (FILKINS, 2018). Tais condições reduzem sua vulnerabilidade frente ao bloqueio (AL JAZEERA, 2017a), o que auxilia a compreender sua resposta à sua *estigmatização*.

9. Iêmen, Governo do Leste da Líbia, Maldivas, Comores e Mauritânia.

10. Jordânia, Chade, Níger e Djibouti.

11. Dentre as quais constavam o fechamento da Al Jazeera, a redução de relações com o Irã e a aplicação de políticas de contraterrorismo (ALGHUSSEIN, STACEY, 2017; FILKINS, 2017; COLL, 2017).

12. Riyadh é o 26º país mais poderoso militarmente, enquanto Abu Dhabi segue na 65ª posição e Doha na 100ª (GLOBAL FIRE POWER, 2018).

13. US\$ 646,438 milhões (Arábia Saudita), US\$ 348,743 milhões (EAU) e US\$ 152,451 milhões (Qatar) (WORLD BANK, 2016a).

14. US\$ 127,480 frente a US\$ 54,416 da Arábia Saudita e US\$ 72,399 dos EAU (WORLD BANK, 2016b).

A resposta Qatari

Desde o início, o Qatar nega qualquer apoio ao terrorismo e também questiona a legitimidade do bloqueio. Dias após seu início, o ministro qatari das relações exteriores afirmou que “lamentou e ficou surpreso” com o bloqueio e corte de relações diplomáticas, “tendo em mente que essas medidas são injustificadas e baseadas em suposições e afirmações falsas” (AL JAZEERA, 2017c, tradução própria). Adicionou que “o Qatar respeita a soberania de outras nações, não interfere em seus negócios internos e cumpriu com seu papel em combater o terrorismo e o extremismo” (AL JAZEERA, 2017c, tradução nossa)¹⁵. Ademais, disse que a *estigmatização* era parte de um “plano secreto para prejudicar o Qatar” cujo fim era “claramente a imposição de tutela sobre Doha” (AL JAZEERA, 2017c).

Em uma entrevista com a *Associated Press* em Doha o ministro negou diversas vezes que o governo qatari financiasse extremistas. Adicionou que,

ninguém deu a eles [países bloqueadores] o direito de bloquearem meu país, de não permitir carros ou que meus vôos sobrevoem seus países ou que meus navios parem em seus portos; ninguém está dando a eles o direito de separar famílias e deslocar pessoas... de separar mulheres qataris de suas crianças sauditas ou mulheres emiratis de seus filhos qataris (GAMBRELL; HARB, 2017, tradução nossa)¹⁶.

Ademais, em conferência sobre contraterrorismo de um *think thank* britânico, o ministro reforçou a defesa do Estado qatari ao dizer que “por muitos anos, o Qatar manteve-se ao lado de regiões aliadas para dizer basta [ao terror]” e que o país “é comprometido com a destruição do terrorismo” (ELLYATT, 2017, tradução nossa)¹⁷.

O diretor do Escritório de Comunicações do Governo do Qatar, por sua vez, afirmou que “nós não apoiamos o terrorismo, nem

15. “Qatar respects the sovereignty of the other nations and does not interfere in their internal affairs, and it has fulfilled its role in fighting terrorism and extremism” (AL JAZEERA, 2017c).

16. “No one has given them the right to blockade my country, not to allow cars, or my flights to fly over their countries or my ships to park in their port,” the foreign minister said. “No one is giving them the right to separate families and displace people. No one has given them the right to separate Qatari women from their Saudi children, or Emirati women from their Qatari children” (GAMBRELL; HARB, 2017).

17. “For many years, Qatar has stood with allied regions to say enough is enough. Qatar is committed to destroying terrorism” (ELLYATT, 2017).

de perto, nem de longe” (ALANDETE, 2017)¹⁸. Já o emir do Qatar dirigiu-se à AGONU, classificando o bloqueio como “injusto” e afirmando que “nós nos recusamos a ceder a ordens por pressão e cerco” (AL JAZEERA, 2017 d)¹⁹.

Além da dimensão retórica, Doha tem tomado medidas concretas para desviar-se do bloqueio. No plano doméstico, injetou US\$ 39 bilhões da reserva nacional na economia (THE ECONOMIST, 2017). Para mais, construiu um novo porto que permite que transportadores não precisem usar o embarcadouro dos EAU, do qual dependiam até então (THE ECONOMIST, 2017). Também criou projetos que visam impulsionar sua auto-suficiência na produção de alimentos a fim de depender menos de importações (DOHA NEWS, 2018).

Ademais, o Qatar tomou medidas para garantir o apoio da população. Imagens do emir foram expostas em diversos pontos do país como carros, prédios e camisetas (SCOTT, 2017). Paraquedistas das forças armadas estenderam uma bandeira com a imagem do emir; cafés qataris colocaram o rosto do governante em suas bebidas; três emissoras de rádio substituíram seus nomes pelo de Al-Thani; e milhares de balões com a face do emir foram soltos no forte de Zubara (SCOTT, 2017). Além disso, Doha decidiu alterar suas leis sobre estrangeiros que moram no país. Agora, residentes sem cidadania têm acesso a certos benefícios econômicos de cidadãos - como educação e saúde gratuitas - além de terem residência permanente assegurada, gerando larga aprovação popular (MITCHELL, 2017, p. 24-25).

Na dimensão internacional, o Qatar intensificou relações com dois poderes do Oriente Médio: Irã e Turquia. As exportações iranianas para Doha cresceram em 60% em 2017 (THE ECONOMIST, 2017) e os vôos da *Qatar Airways* que cruzavam a Arábia Saudita, agora passam pelo Irã (THE ECONOMIST, 2017). Da Turquia, Doha recebeu tropas para proteger seu território de uma possível invasão; além de ratificar um tratado de cooperação militar (LYNCH, 2017, p. 14; BORA, 2017). Outra medida foi a criação, junto a Grã-Bretanha, de um Centro Internacional para a Excelência no Combate ao Terrorismo (WINTOUR, 2017).

Analisando esses aspectos do comportamento qatari, percebe-se que Doha apresenta uma resposta de *rejeição* à sua qualificação

18. We do not support terrorism, not from near, not from far (ALANDETE, 2017).

19. We have refused to yield to dictations by pressure and siege (AL JAZEERA, 2017d).

como pária, já que nega qualquer apoio ao terrorismo. Resposta que é orientada, em primeiro lugar, pelo grau de compartilhamento, entre estigmatizador e estigmatizado, das normas que suportam o *estigma*. Percebe-se que o Qatar, assim como seus estigmatizadores, vê o apoio ao terrorismo como um *estigma*, o que explica porque ele procura desviar-se da associação feita entre si e esse atributo.

O segundo fator que influencia a *rejeição* qatari diz respeito a sua disponibilidade de recursos materiais e sociais. No âmbito material, o Qatar possui elevada renda, que lhe permite comprar de outros países e fazer os investimentos necessários para que sua economia sofra menos com o bloqueio. Na dimensão social, o governo tem mantido a população do seu lado, além de intensificar as relações com outros Estados. Esses aspectos permitem que Doha rejeite sua categorização como desviante e não aquiesça às demandas dos estigmatizadores.

Conclusão

Diante da descrição da *estigmatização* do Estado qatari - suas motivações, sua operacionalização e a resposta do Qatar a esse processo - podem-se extrair algumas conclusões sobre o cenário político no Golfo Árabe. A pesquisa indicou que a *estigmatização* do Qatar é reflexo de uma ruptura no Conselho. As raízes disso estão nas escolhas qataris de quais grupos islâmicos recebem seu apoio, somada a uma política externa orientada no sentido de posicionar Doha fora do guarda-chuva de Riyadh. A partir disso, estigmatizar o Qatar é um meio de ‘colocá-lo no seu devido lugar’: alinhado ao CCG.

O governo qatari, entretanto, não mostrou sinais de que cederá a pressão de seus vizinhos. Tal resistência vai de encontro à persistência saudita e emirati de não recuar no bloqueio. Com isso, é provável que as relações entre as três nações mantenha-se em um ponto de impasse e que as tensões escalem. Quanto tempo esse processo durará e o nível de agressividade a que os países chegarão é algo que resta observar em pesquisas futuras.

Referências

ADLER-NISSEN, Rebecca. Stigma Management in International Relations. *Transgressive Identities, Norms and Order in International Society*. **International Organization**. p.143 - 176. 2014.

AL ARABIYA ENGLISH. **Saudi foreign minister: We have more important issues than the Qatar crisis**. 20 nov. 2017. Disponível em: <<https://english>>.

ala/rabiya.net/en/News/gulf/2017/11/20/Saudi-foreign-minister-We-have-/more-important-issues-than-the-Qatar-crisis.html>. Acesso em: 08 jan.2018.

AL DROUBI, Mina; KHAN, Taimur; AL WASMI, Naser. Enough is enough: Sheikh Abdullah tells Qatar. **The national**. 04 jul.2017. Disponível em: <<https://www.thenational.ae/world/gcc/enough-is-enough-sheikh-abdullah-tells-qatar-1.91765>>. Acesso em: 20 maio 2018.

ALLENDETE, David. “The blockading countries want to outsource our foreign policy”. 07 nov. 2017. **El País**. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2017/11/04/inenglish/1509807720_509487.html>. Acesso em: 06 jan. 2018.

ALGHUSSEIN, Bassina; STACEY, Jeffrey A. How Saudi Arabia botched its campaign against Qatar. **Foreignaffairs**.12 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/middle-east/2017-07-12/how-saudi-arabia-botched-its-campaign-against-qatar>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

AL JAZEERA. **Saudi ledblockade Qatar breaking families**. 09 jun. 2017a. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/indepth/features/2017/06/saudi-led-blockade-qatar-breaking-families-170609131754141.html>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

AL JAZEERA. **Qatar gulf crisis questions answered**. 05 dez. 2017b. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/indepth/features/2017/06/qatar-gulf-crisis-questions-answered-170606103033599.html#blockading-countries>. Acesso em: 31 mar. 2018.

AL JAZEERA. Gulf diplomatic crisis: Qatar’s reaction in full. 5 jun. 2017c. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2017/06/gulf-diplomatic-crisis-qatar-reaction-full-170605071246160.html>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

AL JAZEERA. Qatari emir condemns ‘unjust blockade’ in UNGA speech. 19 set. 2017d. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2017/09/qatari-emir-condemns-unjust-blockade-unga-speech-170919185253541.html>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

BBC. **Iran profile – timeline**. 05 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-middle-east-14542438>>. Acesso em: 20 jul.2018.

BORA, Birce. Analysis: Why is Turkey deploying troops to Qatar?11 jun. 2017. Al Jazeera. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/features/2017/06/analysis-turkey-deploying-troops-qatar-170607174911372.html>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CHATAM HOUSE. **Meeting Summary. Islamism and its Alternatives in the GCC**. Middle East and North Africa Programme. 2014.

COLL, Steve. How Can the Qatar Crisis Be Resolved? New Yorker. 29 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/news/daily-comment/how-can-the-qatar-crisis-be-resolved>>.Acesso em:18 jan. 2018.

COLOMBO, Silvia. **The GCC Countries and the Arab Spring. Between Outreach, Patronage and Repression**. IAI WORKING PAPERS. 12 set. 2012.

DICKINSON, Elizabeth. The Case Against Qatar. **Foreign Affairs**. 2014..Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2014/09/30/the-case-against-qatar/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

DOBBIN, James; NADER, Alireza; KAYE, DaliaDassa; WEHREY, Frederic. The Other Actors. In: **Coping with a Nuclearizing Iran**. RAND Corporation, 2011.

DOHA NEWS. Qatar's Self Sufficiency Reaches New Heights. 03 fev. 2018. Disponível em: <<https://dohanews.co/qatars-self-sufficiency-reaches-new-heights/>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

ESFANDIARY, Dina; TABATABAI, Ariane M. The Gulf widens. Foreign affairs. 06 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/middle-east/2017-06-06/gulf-widens>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

ELLYATT, Holly. Middle East is 'brimming with extremism' but Qatar doesn't support terrorism: Foreign minister. 24 nov.2017. **CNBC**. Disponível em: <<https://www.cnb.com/2017/11/24/middle-east-is-brimming-with-extremism-but-qatar-doesnt-support-terrorism-foreign-minister.html>>. Acesso em: 20 maio 2018.

FILKINS, Dexter. A Saudi prince's quest to remake the middle east. **Newyorker**. 09 abr. 2018. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2018/04/09/a-saudi-princes-quest-to-remake-the-middle-east?mbid=nl_Daily%20040218&CN-DID=49464814&spMailingID=13239773&spUserID=MTg4NTk1Mjc2O-DIwS0&spJobID=1380145740&spReportId=MTM4MDE0NTc0MAS2>. Acesso em: 03 abr. 2018.

GAMBRELL, Jon; HARB, Malak. Qatar denies terror links, rejects 'blockade' by Arab states. 09 jun. 2017. The times of Israel. Disponível em: <<https://www.time-sofisrael.com/qatar-denies-terror-links-rejects-blockade-by-arab-states/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

GOVERNMENT COMMUNICATIONS OFFICE. Statement regarding hacking qatar news agency false statement. 24 maio 2017. Disponível em: <<https://www.gco.gov.qa/en/2017/05/24/government-communications-office-statement-regarding-hacking-qatar-news-agency-false-statement/>>. Acesso em: 17 maio 2018.

GLOBAL FIRE POWER. **Middle Eastern Powers Ranked by Military Strength**. 2018. Disponível em: <<https://www.globalfirepower.com/countries-listing-middle-east.asp>>. Acesso em: 21 maio 2018.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª edição. LTC, 1982.

GULF NEWS. Israel establishes 'virtual' Gulf embassy. 22 jul. 2013. Disponível em: <<https://gulfnews.com/news/mena/palestine/israel-establishes-virtual-gulf-embassy-1.1211978>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

GULF NEWS. **Qatar's support for terror continues unabated**. 28 fev. 2018. Disponível em: <<https://gulfnews.com/news/gulf/qatar/qatar-crisis/qatar-s-support-for-terror-continues-unabated-1.2181052>>. Acesso em: 20 maio 2018.

HADID, Daa. Israel to Open Diplomatic Office in United Arab Emirates. New York Times. 27 nov. 2015. Disponível: <<https://www.nytimes.com/2015/11/28/world/>>

middleeast/israel-to-open-diplomatic-office-in-united-arab-emirates.html>. Acesso em: 19 set. 2018.

KHATRI, Shabina. Hackers take aim at Qatar by publishing fake news on QNA. Doha news. 24 maio 2017. Disponível em: <<https://dohanews.co/hackers-take-aim-at-qatar-by-publishing-fake-news-on-qna/>>. Acesso em: 17 maio 2018.

KHOURI, Rami G. Will the GCC fall apart? Al Jazeera. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/gcc-fall-171107083437029.html>>. 7 nov. 2017.

LEGRENZI, Matteo. The GCC and the International Relations of the Gulf: Diplomacy, Security and Economic Coordination in a changing Middle East. I. B. Tauris. 2011.

LINK, Bruce G.; PHELAN, Jo C. Conceptualizing Stigma. Annu. **Rev. Sociol.** p. 363–85. 2001.

LYNCH, Marc. Three big lessons of the Qatar crisis. In.: POMEPS Briefing. **The Qatar crisis. Project on Middle East political science.** out. 2017.

MACLEAN, William. **Gulf rift reopens as Qatar decries hacked comments by emir.** Reuters. 17 maio 2017. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-qatar-cyber/gulf-rift-reopens-as-qatar-decries-hacked-comments-by-emir-idUSKBN18K02Z?il=0>>. 17 maio 2018. Acesso em: 20 maio 2018.

MARTINI, Jeffrey; WASSER, Becca; KAYE, Dalia Dassa; EGEL, Daniel; OGLETREE, Cordaye. GCC Cohesion in Historical Perspective. In: **The Outlook for Arab Gulf Cooperation RAND Corporation.** 2016.

MINISTRY OF COMMUNICATIONS AND INFORMATION TECHNOLOGY. Kingdom confirms to General Assembly of United Nations its firm stance against terrorism, extremism. 25 set. 2017. Disponível em: <https://www.saudi.gov.sa/wps/portal/snp/pages/search!/ut/p/z1/LZFPb4JAEMW_SngvWGdQEe0NaWM1FmupFfdiFpwACexSWCB--4JN2tBo_-xtZt_v7ZtZYOABE7yKQ65iKXjS1Ds22i91w-3qwZ7jEzdBAyxlnDdd86eOqD9uuYOzOxmiZd_PB5FUfICKwf_ErfTRteGO4Nia-PDT_8nWddyZkEXcGZJ04CvHAshF0T0ryYwjZhW8VUg9s6vZWUH90yDKl0d3gvuJ_QYf9M4kB549RICInmAdlSKBLKkQf6vP151hYnZEbzb3Zt76uzABYm-0v_4vEip7FZDDDeu67sV-2gtkqmEiVVloWBDPgwhYIgoEHgk_oypcgSvyliC6GrNFc8hSzceXk_ponKMyrlh_rG-fgdymBQ-/?uril=wcm:path%3A%2FMCIT_en%2FNews%2FCONT-news-25092017%2B1>. Acesso em: 20 maio 2018.

ZARAKOL, Ayse. **After defeat: How the East learned to live with the West.** New York: Cambridge University Press, p. 57-84; 102-108. 2011.

MITCHELL, Jocelyn Sage. Why did Qatar just change its residency laws? In.: POMEPS Briefing. **The Qatar crisis.** Project on Middle East political science. out. 2017.

ROBERTS, David B. A Dustup in the Gulf: The Meaning of the Intramonarchy Spat. **Foreign affairs.** 2017a. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/middle-east/2017-06-13/dustup-gulf>>. Acesso em: 29 out. 2017.

ROBERTS, David B. **Qatar, the Ikhwan, and transnational relations in the Gulf.** In: The Qatar crisis. POMEPS Briefings. 2017b.

SCHIMMELFENNIG, Frank. Goffman Meets IR: Dramaturgical Action in International Community. International Review of Sociology—**Revue Internationale de Sociologie.** vol. 12, n. 3. 2002.

SCHOLVIN, S. **Geopolitics. An Overview of Concepts and Empirical Examples from International Relations.** The Finnish Institute of International Affairs Working Paper 91. apr. 2016.

SCOTT, Victoria. Love for Sheikh Tamim hits fever pitch in Qatar. **Doha News.** 2017. Disponível em: <<https://dohanews.co/love-for-sheikh-tamim-hits-fever-pitch-in-qatar/>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

STEINBERG, Guido. **Qatar and the Arab Spring: support for islamists and new anti-Syrian policy.** German Institute for International and Security Affairs. SWP Comments. 2012.

STEINBERG, Guido. **The Gulf States and the Muslim Brotherhood.** In: The Qatar crisis. POMEPS Briefings, 2017.

STEPHENS, Michael. Why key Arab countries have cutties with Qatar — and what Trump had to do with it. In: **The Qatar crisis.** POMEPS Briefings, 2017.

THE ECONOMIST. **The boycott of Qatar is hurting its enforcers.** 19 out. 2017. Disponível em: <<https://www.economist.com/news/middle-east-and-africa/21730426-if-saudis-and-emiratis-will-not-trade-doha-iranians-will-boycott>>. Acesso em: 19 jun 2018

THE TELEGRAPH. Qatar state news agency 'hacked with fake positive story about Israel and Iran'. 24 maio 2017. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/2017/05/24/qatar-state-news-agency-hacked-fake-positive-story-israel-iran>>. Acesso em: 17 maio 2018.

ZARAKOL, Ayse. **After defeat: How the East learned to live with the West.** New York: Cambridge University Press, p. 57-84; 102-108. 2011.

ZARAKOL, Ayse. **What made the modern world hang together: socialization or stigmatization?** International Theory, volume 6, issue 2, p. 311-332. 2014.

WHITAKER, Brian. Blow by blow: the Gulf's extraordinary war of words over Qatar. Al-bab. 28 maio 2017. Disponível em: <<http://al-bab.com/blog/2017/05/blow-blow-gulfs-extraordinary-war-words-over-qatar>>. Acesso em: 17 maio 2018.

WINTOUR, Patrick. Russian hackers to blame for sparking Qatar crisis, FBI inquiry finds. The Guardian. 07 jun. 2017a. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/jun/07/russian-hackers-qatar-crisis-fbi-inquiry-saudi-arabia-uae>>. Acesso em: 19 maio 2018.

WINTOUR, Patrick. 'We do not trust them': UAE calls for western monitoring of Qatar. The Guardian. 17 jun. 2017b. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/jun/17/uae-qatar-western-monitoring-anwar-gargash>>. Acesso em: 20 maio 2018.

WINTOUR, Patrick. Autocracies breed terror in Middle East, says Qatari foreign minister. 23 nov. 2017c. **The Guardian.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/nov/23/autocracies-breed-terror-middle-east-qatar-foreign-minister>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

WOERTZ, Eckart. **Qatar and Europe's neglect of the Gulf region**. Notes internacionais CIDOB, 2012.

WORLD BANK. **World bank indicator -GDP (current US\$)**. 2016a. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=AE-QA-SA>>. Acesso em: 21 maio 2018.

WORLD BANK. **World bank indicator - GDP per capita, PPP (current international)**. 2016b. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.PP.CD?locations=AE-QA-SA>>. Acesso em: 21 maio 2018.

Recebido em: 30.07.2018

Aprovado em: 19.09.2018